

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
OUT 1944



A brilhante
atriz
Madalena Sotto
que ingressou
no teatro
Nacional
de D. Maria II

OS ESPECTÁCULOS EM LONDRES

por SIDNEY HORNIBLOW



Uma cena da peça de Priestley, «Como vai isso lá em casa?», com Jeanne Carr, recentemente estreada em Londres

UMA série de operetas e comédias alcançaram, recentemente, em Londres grande êxito. Em três dias, foram apresentadas outras tantas operetas. Uma vez mais, como tem acontecido, freqüentemente, durante a guerra, os empresários foram ao passado buscar inspiração para o presente. As três operetas foram representadas pela primeira vez há já muitos anos, mas o tempo não as prejudicou grandemente. A sua graça pode ter perdido um tanto do "picante" que tivera em época própria, mas a música e as montagens conservam, ainda, todo o seu encanto.

Além disso, aqueles que se recordam das primeiras representações poderão verificar os progressos da arte cênica, em Londres, nos últimos anos. Os "decors" para a reposição da opereta Johann Strauss, "Uma noite em Venesa", são provavelmente os mais belos que se tem visto na capital britânica.

As três operetas têm de comum o facto da heroína ser perseguida por um príncipe — uma em Venesa, a outra em Heidelberg e a terceira em Paris. Em "Uma noite em Venesa" a intriga entre o príncipe e a filha de um pescador desenrola-se durante o Carnaval na Praça de São Marcos. E' na velha Heidelberg que se passa a do príncipe estudante. Enfim, há ainda a "Quakeresse", com a sua nostálgica história de uma noite em Paris, na época serena de antes da última guerra. Na primeira representação a célebre actriz inglesa Gertie Miller desempenhou o principal papel; na reposição aparece, em seu lugar, Celja Lipton, filha de um chefe de orquestra de Londres. Outra actriz muito conhecida, Ivy St. Hélier tem um papel de recorte caricatural.



Edith Evans, uma das maiores actrizes inglesas, numa das suas grandiosas interpretações

Há, actualmente, tantos dramaturgos incorporados nas forças armadas, que os empresários são obrigados a reposições.

Shephard acaba de obter reumbante êxito com a reposição da célebre comédia de Frederick Lonsdale "A última da sr. Cheyne". Quando Sir Gerald du Maurier e Miss Gladys Cooper criaram os protagonistas da peça, no teatro de Saint-James, em 1925, as suas interpretações foram consideradas o zenit da sua carreira. Hoje, as vedetas são um actor do music hall, Jack Buchanan, e uma jovem actriz australiana Coral Browne, que já se revelara em duas comédias americanas: "O homem que ficou para jantar" e "A minha irmã Eileen".

J. B. Priestley apresentou, agora, uma nova peça, escrita especialmente para as tropas britânicas em serviço longe da pátria. Ela está actualmente num teatro londrino, onde o público ri de vontade, e não tardará que outra companhia a leve até aos mais afastados pontos do Império, para os soldados que defendem a causa das Nações Unidas.

Não é a primeira vez que grandes companhias vão em "tournée" pelos campos de batalha, interpretando o seu repertório ao som da artilharia e dos motores dos aviões. Também os actores são soldados da Inglaterra, quer no palco, quer nas primeiras linhas da frente, pois todos têm o seu grande "papel" no esforço total para a vitória comum. Os chefes dos Exércitos britânicos sabem o que representam os prazeres de espírito para o valor moral dos seus soldados.



Dois «estrelas» dão os últimos retoques nas cabeleiras, antes de entrar em cena, numa comédia interpretada por soldados para os seus camaradas

REFLEXOS DO MUNDO



O BRASIL NA GUERRA

Um soldado daquela país chega à Itália. Não se esqueceu da guitarra portuguesa.

O médico de Churchill

Lord Moran (ou seja Sir Charles Wilson) é o médico assistente de Churchill. Quando este se ausenta para o estrangeiro, acompanha-o sempre.

Assim, estiveram juntos nos grandes momentos desta guerra — em Washington, em Moscovo, no Cairo, em Teherão. A boa saúde do primeiro ministro constituiu o esforço de guerra do seu médico. Lord Moran tem, pois, um grande papel na história desta guerra.

Churchill disse dele: «Ensina-me a discursar em público enquanto eu lhe ensino a curar a pneumonia».

Distracção sem conseqüências

Um homem empregado há longos anos como piloto de aviões de carreira foi chamado a prestar serviço nos hidroaviões do comando costeiro. De regresso do primeiro vôo de patrulha, esquecendo-se de que o avião era de flutuadores, preparou-se muito calmamente para aterrar, salvando-o os gritos frenéticos do observador, já a um metro do chão:

— Que ias fazer, desgraçado? — perguntou-lhe aquele, quando já se encontravam parados na água.

— Desculpa, meu velho. Foi a primeira e a última vez que me esqueci de que esta bodega pouso na água.

E dizendo isto, com um sor-



riso de segurança, abriu a portinhola e deu um pulo... para a água.

Ingenuidade

Um marinheiro americano chega-se ao guarda da alfândega, em passagem para terra, e pergunta:

— Há algum inconveniente em trazer amanhã para terra uns maços de tabaco?

— Há, sim, senhor! Se trouxer mais do que um é prêso.

O marinheiro agradeceu e passou. Ao voltar a passar no outro dia, o guarda apressou-se a detê-lo.

— Onde é que traz o tabaco?

— Hoje não trago. Ontem é que trouxe algum...

O heroísmo de Malta

Até Janeiro de 1943, o estoico povo de Malta (pequena ilha de apenas cem milhas quadradas) teve 3.176 sinais de alarme aéreo, e cerca de 1.192 raids, alguns destes duas vezes por dia.

Não houve evacuados. Não houve pânico. Os que ficavam com as casas destruídas viviam nas caves. Quando a guerra terminou, haverá muitos cruzeiros para Malta.

Alarme aéreo

Em East-End, rua de Londres, ao ouvir-se o sinal de alerta: Uma repariguinha (correndo para a porta e chamando as companheiras com quem estava a brincar): «Emília! Estás a ouvir, Emília! Sai da guerra!»

Prognóstico

Se, por um dia, fôsse abolida o racionamento, e as lojas estivessem abastecidas como na paz, o que iria primeiro comprar o amigo leitor?

A esta pergunta, os homens têm sido unânimes na indecisão. Depois de uns momentos de hesitação, enumeram alguns desejos: 500 litros de gasolina, vinho do Pôrto, charutos, etc. mas nem sequer mencionam um botõzinho para as espôsas. Mas



O esforço de guerra da mulher americana. Uma operária de uma fábrica de munições, trabalhando em envoltórios de granadas.

IMAGENS DA GUERRA

A pez volta de novo aos campos da Europa libertada, sob a protecção dos soldados ingleses.

as mulheres não hesitam nestas coisas, e em menos de três segundos responderiam àquela pergunta:

«Queremos mais de sêdal»

(The Queen, Londres)

Saber falar

O advogado: «Agora, senhor, fez, ou não fez, na data em questão, ou em qualquer outro tempo, prévia, ou subsequente, coacção ou mesmo ameaça ao réu ou mais alguém, só ou acompanhado, seja amigo ou simples conhecido, ou, de facto, um estranho, de que acusação que lhe imputam a si, quer justa ou injustamente, e desmentida pelo queixoso, era pura invenção de momento, ou seja o que fôr? Responda-me, sim ou não?»

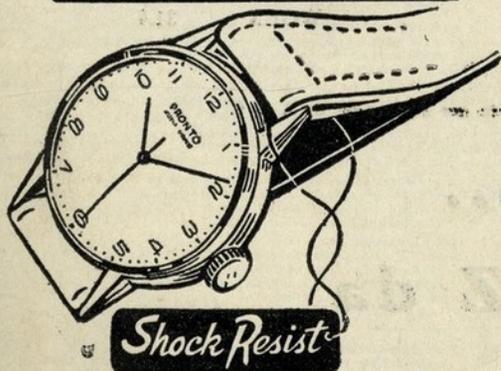
A testemunha: «Sim ou não o quê?»

(Nongqual, Pretório)

Segrêdo de juventude

Quando perguntarem a uma negra o que fazia para parecer tão jovem, ela respondeu: «Quando trabalho, trabalho bastante; quando me sento, sento-me à vontade; e quando me preocupo, vou para a cama».

PRONTO





...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
17.45	WRUA	25,4	WRUL	19,5	WRUS	19,8	WRUW	16,9
18.45	WRUA	25,4			WRUS	19,8		
19.45	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WRUS	19,8	WGEX	16,8
às	(Meia hora de programa especial)							
20.15								
20.45	WRUA	25,4	WGEO	19,6	WRUS	19,8	WGEX	16,8
21.45	WRUA	30,9	WRUL	25,6	WRUS	19,8		
22.45	WRUA	30,9	WLWR	23,1	WRUS	19,8	WGEX	31,4
			WLWR	23,0				
23.45			WLWR	23,1			WGEX	31,4
			WLWR	23,0				

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18 e 45 às 19 horas.

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA

DE GAULLE

por ARTUR PORTELA

PARA a França vencida o seu nome era já um símbolo. De Gaulle evocava a Gália heróica numa mensagem humana que parecia pressagiar uma esperança e um destino. Durante longos e crueis meses, encarnou o seu país obscurecido sob a tutela odiosa da invasão. Foi a sua voz invencível, a alma da sua resistência, a fé da sua resurreição.

Contra o simulacro de uma legalidade ad hoc improvisada, De Gaulle soube

lutar embora com armas mais fracas, mas com uma energia que parecia remover montanhas e forçar o curso trágico da história.

Ohomem mais só, é o mais forte — afirmou Ibsen! De Gaulle demonstrou, com a sua existência exemplar de soldado, o conceito do grande dramaturgo nórdico. Fora da sua pátria, sem um exército, nem uma esquadra, atacado e criticado fez frente à adversidade, mantendo sem mácula a bandeira que defen-

dia. A França está vencida, mas a guerra continua, declarou ele, orgulhosamente. Aqui ou ali, num padrão longínquo do império ou numa derradeira consciência que soubesse ainda afrontar o temor e a dureza propagados pelo inimigo. Algumas rugas de sofrimento vincaram, então, a sua máscara grave e austera.

Tem de combater a dispersão política, opôr-se às tentativas de infiltração nazi nas colónias, ripostar cam golpes de sabre, acerdos e rápidos, aos microfones supostamente oficiais e, do nada, dum punhado de agaloados e fugitivos, que o rodeia, constituir uma força que fosse, de facto, a França, fóra da França — a de sempre, lutando contra o inimigo hereditário na manhã do Marne ou nos labirintos invariáveis do maquis. Em certo momento é mesmo a única tricolor livre que flutua no mundo, o último soldado que faz sentinela, a última espada, desembainhada, que comanda.

Lentamente, o seu prestígio cresce, dissipando as sombras, convencendo os incrédulos, congregando os primeiros patriotas.

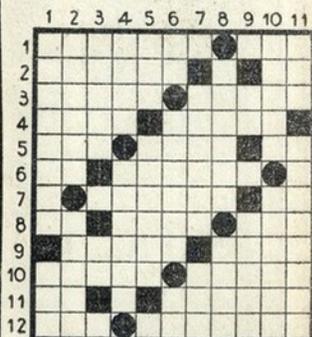
Começa, então, a rolar a boule de neige. Os poucos convertem-se em muitos. Ressoa, em Africa, o clarim do combate. Soldam-se os membros mutilados das colónias espalhadas pelo planeta e o que, ontem, parecia disperso, até mesmo perdido para sempre, articula-se, movimenta-se e une-se. Num esforço titânico, a França conseguiu arrancar dos olhos a venda horrível que a martirizava, não a deixando encarnar a realidade dramática em que vivia, e que era ainda pior que o colapso de 1940.

Finalmente, luta no martírio heroico e renasce no sangue do sacrifício. É a glória e é a epopeia!

Quem é De Gaule? A consciência da França, que restituiu ao seu povo os mais nobres ideais de justiça, de verdade e de fraternidade humana!

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 96



HORIZONTAIS

- 1 — Antigo funcionário judicial; Margem.
- 2 — GEN.ºAL COMAN.ºANTE DO 3.º EX.ºRCITO BLINDADO AMERICANO; O PRIMEIRO QUE ROMPEU A FRENTEIRA ALEM.º, INICIANDO A OCUPA.ºÃO DESTES PAIS; Nesse lugar.
- 3 — Somítica; Cidade da França, considerada a capital da Europa, cuja libertação constituiu um dos maiores triunfos das tropas aliadas.
- 4 — Correia dupla que sustenta o astringido; Próprio do senhor.
- 5 — Nome de uma letra árabe; Tem força para; Interjeição que exprime admiração.
- 6 — Em doses iguais (quím.); Fermentado.
- 7 — Contente; Preposição.
- 8 — Antes de Cristo; Filicida de árvores; Senhor.
- 9 — Muito atropalhados (vop.); Carral de ovelhas.
- 10 — Profissão de fé; Equipo (um navio).
- 11 — Símbolo químico da prata; GEN.ºRAL COL.ºNDA NTE-CHEFE DAS FOR.ºAS FRAN.ºSAS DO INTERIOR, QUE O UPOU MILITARMENTE A CAPITAL DO SEU PAIS;
- 12 — A nossa casa; Acariciara.

VERTICAIS

- 1 — Fustigara; Óxido de cálcio.
- 2 — Antiga dança francesa; Investida violenta (de tropas, etc.)
- 3 — Joieirara; José (fam.).
- 4 — Tenebroso; Antigo instrumento semelhante à guitarra.
- 5 — Zune; Luta.
- 6 — Prefixo de negação; GENERAL COMAN.ºANTE-CHEFE DO 3.º EX.ºRCITO AMERICANO QUE FOU A FRENTEIRA DA BELGICA POR ONDE ENTRARAM OS FLEMENTOS QUE A LIBERTARAO DO INIMIGO; Quilómetro (abrev.).
- 7 — Solicitara; Dirigiu-se.
- 8 — Muro; Rezem.
- 9 — Grajeira; Antiga frauta pastoril.
- 10 — Dança; Exprimir.
- 11 — Gemidos; Aprova ou confirma superiormente uma decisão ou parecer.

A CAÇA



SÃO estas algumas das espécies de caça que trazem a alegria ao coração dos caçadores. Onde estiver um caçador, estarão sempre pólvoras de caça da I. C. I. Estas pólvoras não são só usadas para abater a caça mas também para combater os inimigos que a destroem, do mesmo modo que as ratoeiras e os venenos.

Toda a gente sabe que os venenos são produtos da indústria química. Não parece, porém, tão evidente que o cartucho de caça seja também o produto do químico e do engenheiro e dependa de matérias químicas para a sua acção.

Na base do cartucho encontra-se a cápsula contendo uma quantidade diminuta dum composto de mercúrio fulminante e outros produtos tão sensíveis ao choque que têm de ser misturados numa bolsa de seda agita a eléctricamente, a distância.

A pressão no êstilo provoca uma violenta reacção química que faz explodir a carga detonante composta de fibra de algodão tratada pelos ácidos azóico e sulfúrico. Com uma força terrível, o gás produzido impele a bucha como se fosse um pistão, fazendo sair o chumbo pelo cano da espingarda.

É esta a descrição simples dum artigo altamente complexo cuja fabricação envolve uma dúzia ou mais de matérias-primas, mais de cento e cinquenta operações distintas e uso de nada menos de 140 calibradores, afinados a um milésimo de polegada. Nenhum artigo de uso corrente e de custo tão insignificante é feito com mais scrupuloso cuidado — facto este que não deve esquecer agora que as pólvoras são tão difíceis de obter.

Muitos anos de pesquisas e de experiências forneceram a garantia de q. e as pólvoras de fabricação inglesa serão as melhores no mundo do pós-guerra, como já o foram, aliás, no mundo da antes de 1939.



A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra



Solução do problema n.º 94



TOMAS MERTON ★

“O caso não tinha importância nenhuma. Eu conhecia o problema que a R. A. F. tinha que resolver. Fiz o possível para arranjar aquilo de que os rapazes precisavam. Estou naturalmente satisfeito por ter podido ajudar o povo de Londres». Foi assim, com a modéstia dum verdadeiro sábio, que o professor Tomas Merton respondeu à onda de agradecimentos e saudações que afluíram à sua casa tranqüila de Winforton, quando foi publicamente revelado o papel decisivo que desempenhara na luta contra as bombas voadoras.

O professor Merton inventou, em três dias, um pequeno aparelho, cujo custo era apenas de um xelim, com o qual foi possível localizar rapidamente aqueles engenhos e atingi-los imediatamente com as metralhadoras dos aviões de caça. Esse aparelho permitia aos aviadores britânicos medir a distância que os separava das bombas voadoras, evitando, portanto, o risco de serem atingidos pela sua explosão, quando as perseguíam, e impedindo que se colocassem a uma distância excessiva para os poderem atingir durante a perseguição.

Professor de espectroscopia em Oxford, apelaram para a sua ciência quando a ameaça das bombas voadoras representava não só para a segurança da Grã-Bretanha mas para a execução dos planos de guerra previstos pelos Aliados, um risco muito sério. Respondeu ao apêlo com uma prontidão e uma perícia que tornaram o seu nome credor da admiração de todo o mundo.

O professor Merton tem, actualmente, cinquenta e quatro anos e, além dos seus aparelhos e dos seus discípulos, apenas se lhe conhece uma paixão: a pesca no Wye, em cujas margens costuma passar as suas horas do descanso.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O encontro de Quebec

O Primeiro ministro da Grã-Bretanha e o Presidente dos Estados encontraram-se, pela segunda vez, em Quebec e pela nona vez desde o início da guerra. Sabe-se que, sempre que se reuniram para assentarem nos planos indispensáveis à realização final da vitória, os dois eminentes homens de Estado tomaram decisões de carácter histórico. Essas decisões corresponderam, invariavelmente, a transformações profundas no curso dos acontecimentos.

Em Agosto de 1941 realizou-se a primeira entrevista a bordo do grande couraçado britânico «Prince of Wales» que acabava de entrar ao serviço da Armada Real.

Foi nessa altura que os dois chefes assentaram as primeiras medidas comuns para impedir que a vitória dos seus adversários fosse aquilo que geralmente se esperava. Entre as armas que forjaram, a Carta do Atlântico, documento dum alto e nobre idealismo, não foi certamente das menos úteis nem das menos eficazes. A lei de Empréstimo e Arrendamento, já então aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos, foi outra arma de incalculáveis resultados práticos.

O segundo encontro registou-se em Dezembro de 1941, depois do ataque nipónico a Pearl Harbour, que provocou a entrada dos Estados Unidos na guerra. O Eixo europeu contava mais um aliado cuja forças e cujas intenções de conquista não eram certamente para desprezar. Mas a aliança dos dois povos estava forjada e era interpretada por duas das mais representativas figuras da sua história. Durante essa visita proclamou-se, em Washington, a formação da coligação das Nações Unidas que estavam firmemente determinadas a repelir a agressão, onde quer que ela se produzisse, e a alcançar a vitória. Em julho de 1942 Churchill e Roosevelt encontraram-se em Washington. A situação, entretanto, agravara-se singularmente.

O quinto encontro foi em janeiro de 1943, em Casablanca, onde se estabeleceu o princípio da rendição incondicional do inimigo e se estabeleceram os planos da derrota do fascismo na Itália, que se verificou em julho. Em agosto realizava-se o sexto encontro Churchill-Roosevelt, em Quebec. Ali se resolveu intensificar a guerra contra o Japão e se estudaram os projectos para a criação da segunda frente no ocidente da Europa.

O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e o Presidente dos Estados Unidos encontraram-se mais três vezes nesse ano. Duas delas no Cairo, em novembro e dezembro, para se ocuparem, numa delas da guerra no Extremo Oriente em companhia do marechal Chang-Kai-Chek, e para conferenciarem, na outra, com os dirigentes turcos. Em novembro reuniram-se, com Estaline, em Teherão, para assentarem definitivamente nas condições em que seria preparada e conduzida a grande ofensiva deste ano, a ofensiva da vitória.

Desta vez, em Quebec, os dois homens de Estado encontraram-se para resolverem, em definitivo, sobre a condição da luta no Oriente, onde a situação do Japão não deixou de se agravar. A guerra na Europa considera-se praticamente terminada. A decisão está à vista e os exércitos anglo-americanos, numa estreita fraternidade de armas, depois de haverem ganho a batalha da França, batalha em que o núcleo principal dos exércitos alemães no ocidente foi esmagado, preparam-se para ganhar a batalha da Alemanha cujas fronteiras alcançaram.

O OBSERVADOR

Manobra decisiva

Já se pode transportar, inteiramente, por via aérea, com o competente material, sem excluir veículos blindados e artilharia, um grande exército. Foi o que sucedeu, na Holanda. Esse exército de choque, se não de rutura, dum *endurance* especial, deu à batalha para a libertação da Holanda, uma decisão fulminante. Venceram-se, assim, os numerosos cursos de água, que o inimigo contava aproveitar para a defesa. Ao mesmo tempo, ficou descoberto o flanco norte da Alemanha. O Reno tornou-se, agora, uma via de invasão — mais outra. Cortadas como já estão as defesas exteriores da Alemanha, a penetração pode efectuar-se, rapidamente. Razão tem Montgomery em anunciar o fim possível da guerra para este ano.

Um relatório

O relatório do general Rundstedt é grave. Como militar, ele deve ver a situação da Alemanha, na última extremidade. Nada pode já evitar a vitória de armas das Nações Unidas. A campanha da França destruiu, pelo menos, três divisões *panzer*, além de outras. O que resta é muito pouco para se opor ao poder aliado. Eis o que o general alemão reconheceu, como o fez Ludendorff e Hindenburgo na outra guerra.

Construções na areia

Tudo se desmoronou como um castelo de cartas! Onde já vai a conquista da Europa, o domínio do mundo, a superioridade da raça!... Seria curioso recordar os *slogans*, os argumentos e as «certezas» que se puzeram a correr e em que tantos, ingénuos ou cegos, acreditaram como se fôsem palavras do Evangelho. Alguns deles: a *nova ordem*, a que correspondeu um caos infernal; a *muralha do ocidente* que foi, triunfalmente, transporta; a *solidariedade europeia* contra a ou b, a leste ou a oeste, que todos os povos sacudiram, unindo-se com os libertadores contra os usurpadores da sua pátria; as *premonições estratégicas*, que conduziram à catástrofe dos Balcãs, da França, da Bélgica e agora da Holanda; a *inencibidade da Siegfried*, já dada, militarmente, como antiquada, e muitas outras coisas que seria ocioso enumerar.

Castelos de areia que uma maré de setembro, varreu para muito longe, e dos quais se divizaram aqui e ali, ainda algumas maravilhas, que não tardam a ser tragadas pelo mar largo, o mar profundo, donde jamais voltarão!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade do Mundo Gráfico, L.^o

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.^o | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ed.^a, Travessa do Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Bruxelas foi libertada pelas forças do general inglês Dempsey. Os alemães, antes de serem desalojados da cidade, incendiaram o palácio da Justiça. Neste dramático cenário de fogo e chamas destaca-se mais bela e austera esta admirável estátua que representa as virtudes heroicas do grande povo belga

A INVASÃO DA ALEMANHA

AS tropas aliadas penetraram, em vários pontos, no território do Reich. Trata-se dum acontecimento que excede os limites da condução estratégica da guerra para se reflectir nos domínios da política. Há mais de um século que o solo alemão não era pisado por soldados estrangeiros. Durante esse período de cerca de cento e trinta anos, os alemães invadiram, por mais duma vez, os países vizinhos e ocuparam alguns deles demoradamente.

A fronteira ocidental do Reich, que foi agora transposta pelos anglo-americanos, viu, frequentemente, durante esse período, os soldados alemães espraíarem-se em direcção à França, à Bélgica e à Holanda. Em 1814, 1815, 1870, 1914 e 1940 a Prússia, primeiro, o Império alemão, depois dela e, finalmente,



Foi comovente a recepção que o povo de Bruxelas dispensou às tropas britânicas. Os primeiros veículos que entraram na cidade foram cobertos de flores. E, as mulheseas, com frenética alegria, cantavam o hino nacional



Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas em França, passou revista às suas heróicas tropas, depois da derrota dos alemães. O desfile impecável dos americanos



A agonia do «Rex», transatlântico italiano que fazia serviço aos alemães na costa norte do Tirreno, e que foi incendiado pelas bombas foguetes da R. A. F.

o Reich nacional-socialista enviaram as suas forças invadir o ocidente da Europa onde se acumularam ruínas e vítimas. O campo de batalha não mudou. O que mudou foi o sentido da batalha.

Nos Balcãs assistimos a uma verdadeira derrocada das forças alemãs que ainda ali se encontravam e que totalizavam cerca de duzentos e cinquenta mil homens. Eram as vinte divisões que o general Weichs comandava desde que a península balcânica fôra invadida, na primavera de 1941, pela Wehrmacht.

Com esta decisão militar coincide uma transformação profunda na política balcânica. Depois da Roménia, a Bulgária declarou guerra ao Reich. Na Eslováquia

(Continua na página 29)



O bispo de Lichfield abençoando as bandeiras das Nações Unidas numa cerimónia por alma dos soldados que morreram em Salerno
 Montgomery declarou que a batalha da França tinha custado aos alemães, só em prisioneiros, 400.000 homens. As F. F. I. capturaram, à sua parte, grande número de nazis

O EXÉRCITO AÉREO

A guerra vertical teve a sua mais eficiente demonstração num desembarque gigantesco de um grande exército aerotransportado, que desceu na Holanda, à retaguarda das linhas alemãs, ocupando logo diversas cidades e importantes centros estratégicos. A operação foi admirável. Em poucas horas, a resistência do inimigo foi enfraquecida, o que permitiu às forças de Montgomery penetrar, profundamente, em território holandês, flanqueando, assim, a linha Siegfried, o que lhe dá um mais rápido acesso à Alemanha.

As forças aéreas, constituídas por milhares de homens, com artilharia ligeira, tanques e outros veículos transportados por planadores, numa operação única na história militar colocaram o inimigo entre dois fogos vencendo rapidamente a sua resistência.



No meio das aldeias destruídas pelo inimigo, os soldados ingleses salvam as crianças dos horrores da guerra, num gesto admirável de ternura humana

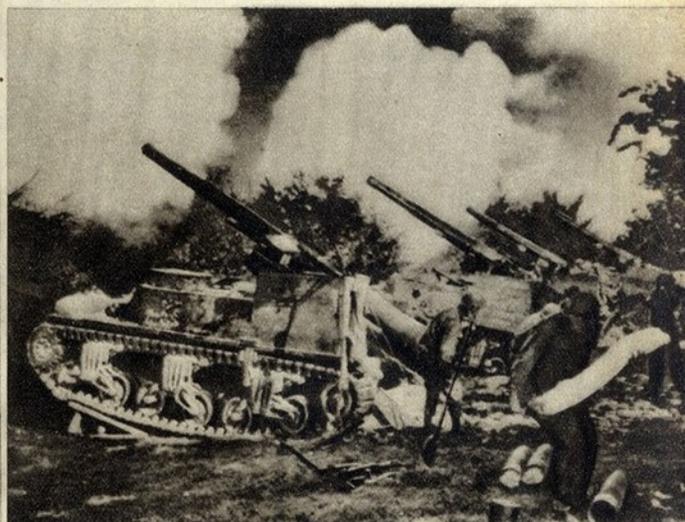


Um paraquedista das forças inglesas

Foi este impressionante desembarque aéreo, na Holanda Central, que decidiu as operações militares para a libertação daquele país. As forças aliadas dominam agora em grande parte, o curso do Reno que, uma vez transposto, será caminho aberto para o Rhur e Berlim



A entrada dos soldados americanos em Liege, que se converteu num cortejo triunfal



O ataque à linha Siegfried, que já foi rôtta em vários pontos. Canhões de 155, fazem fogo sobre os redutos alemães



Os Yugoescavos têm-se batido com indômita bravura. Nunca foram vencidos, mesmo quando o seu país estava ocupado, no alto das montanhas da Servia, os patriotas acenderam, num símbolo as fogueiras da libertação e da independência. Agora estão às portas de Belgrado. Nem sempre as armas são muitas. Eis como dois jovens as disputam, na alegria de se bater contra o inimigo



Estes dois homens ganharam a guerra, pondo o fim às maldades. Eis o seu sexto encontro, agora em Quebec. O sorriso dos dois estadistas diz-nos que a vitória está próxima. Nesta última conferência, assegurou-se o admirável idealismo ao serviço das nações oprimidas. O sorriso dos dois estadistas diz-nos que a vitória está próxima. Nesta última conferência, assegurou-se o destino político da Alemanha e do Japão



A derrota que os anglo-americanos infligiram aos alemães, na França, custou-lhes só em prisioneiros 550 mil homens. O número deve ascender a um milhão se nele se incluírem os mortos e os feridos. Visão dum campo de prisioneiros nazis. Nada menos que dez mil, massa densa e imponente, que se estende até ao horizonte

A CONFERÊNCIA



O irresistível avanço das forças inglesas e americanas, pelas estradas que penetram no coração da Alemanha. Os tanks marcham com rapidez, seguidos pela infantaria que, muitas vezes, de armas em riste, vai dominando as resistências esporádicas, que se apresentam no caminho. Soldados americanos em marcha para a vitória



Com a extensão de muitos quilómetros, as colunas motorizadas inglesas interam-se, profundamente, nas linhas ale rotas, inclusive a de Siegfried. A tri alto, a caminho da frente, mostra-se a voadora na sua frente, certa e confiada. A decisão da guerra brilhante como o sol

DA VITÓRIA



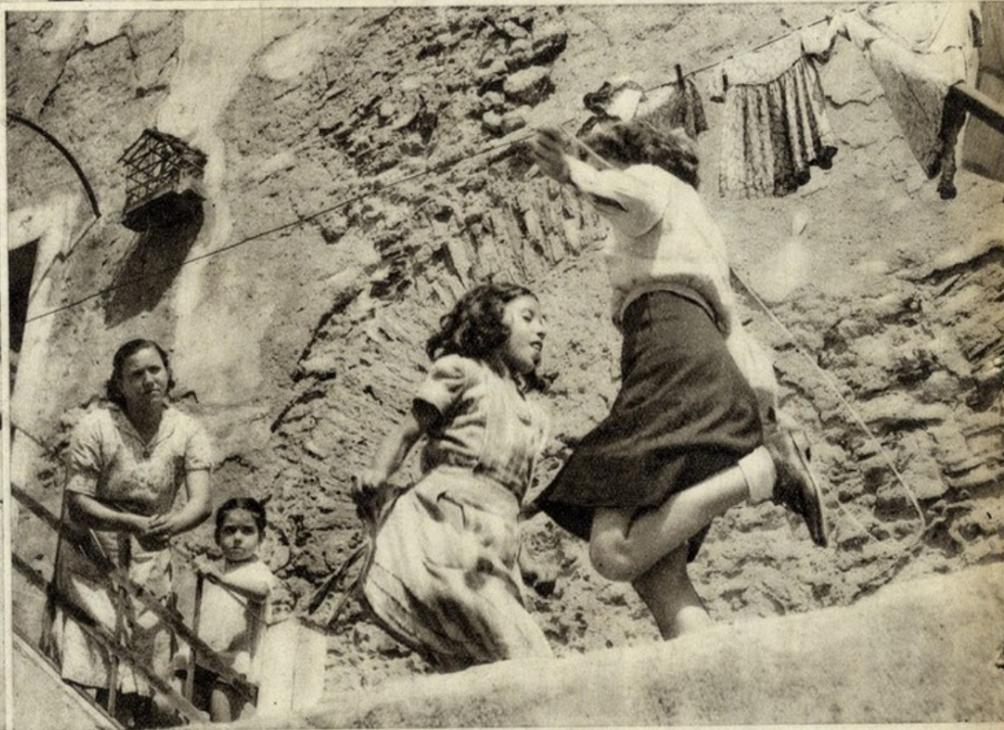
O 8.º exército, com a conquista de Rimini, apoderou-se da chave da histórica planície do Pó. Agora já nada o poderá deter. Toda a Itália meridional, com as suas importantes cidades industriais, como Turim e Milão, vão cair, irresistivelmente, nas suas mãos. Nesta casa arruinada, uma patrulha britânica prestou magníficos serviços



Bolas de sabão. Elas vão crescendo, crescendo, na ponta do canudinho, e soltam-se como balões, com coloridos reflexos que fazem o encanto dos olhos da pequenita



É agora a vez de João de meter o berlinde na cova. O companheiro parece já ter percebido que perdeu o jogo



Um belo ângulo que podia servir para um filme português. O fotógrafo não nos disse o que elas estão a jogar. Nem talvez elas saibam, também. Brincam...



O «aeroplano». Lembram-se de o jogar quando eram pequenos, saltando, ao pé cochinho, de um quadrado para o outro, sem pisar o da pedrinha?



O pião rodopia vertiginosamente na palma da mão hábil do Chico. O outro peão já não está muito seguro



O elco ribaldeixo. É assim que eles se fazem rapazes fortes, neste jogo que é magnífico exercício físico

AS CRIANÇAS E OS BRINQUEDOS

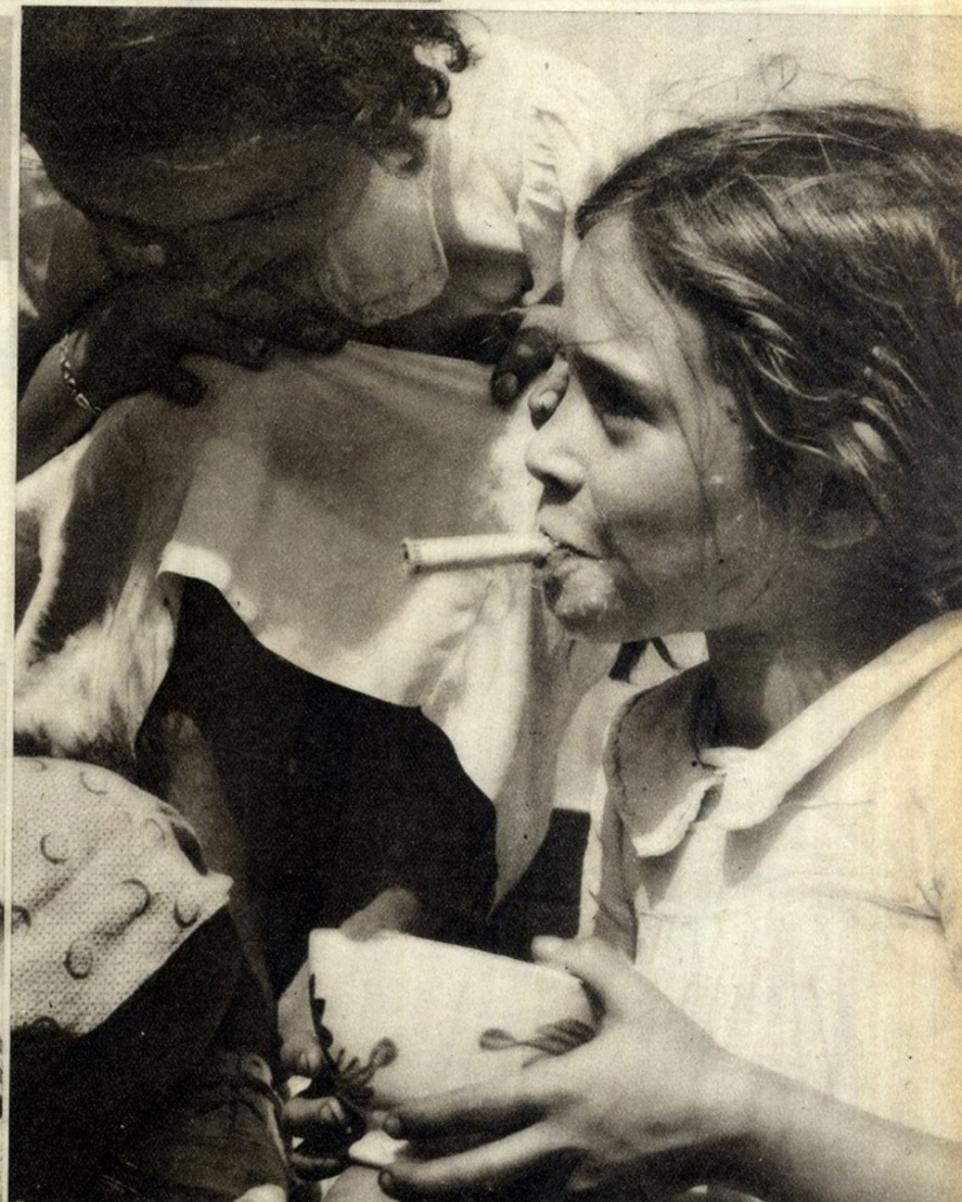
QUANDO se deixou de ser criança, falar de brinquedos é, por vezes, lembrar um mundo inestente — um mundo em que fomos felizes sem dar por isso... Dêle, nos proveito, a nós, homens práticos, aquela dose de infantilidade que, em tantos casos, põmos na vida própria e,

até na dos outros. E mal vai aos indivíduos que já não se recordam de ter sido meninos; contrariamente, os que ainda se lembram do tempo já distante, a perder-se nas brumas da memória, continuam a ser crianças mesmo que se julguem prosaicamente positivos.

As crianças, porém, é que nada têm com as considerações que a seu respeito podemos fazer.

Mesmo porque não há para elas outro mundo... e assim deveria ser eternamente. Está o leitor a pensar no que seria a existência se nela apenas existisse a candura da petizada? Pois, adivinhamo-lo nós. Seria uma coisa que, em en-

(Continua na pág. 29)



Eurolar a barança no peão tem seu segredo e cada qual usa o seu processo. Estes dois rapazes sabem disso

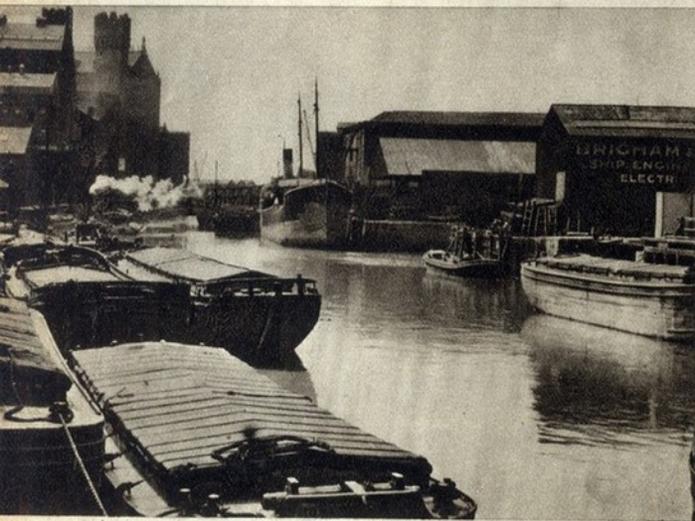
A bola, que era tão linda, reventou e deixou-lhe na cara pequeninas gotas luminosas de espuma de sabão



○ condado de York é o maior de Inglaterra. A sua extensão é quasi igual à da Escócia. Estende-se desde o mar do Norte até treze quilómetros do mar da Irlanda. É mesmo mais que um condado; é uma região, com características próprias, povoada por uma raça, que tem o orgulho da sua bela terra, e cujo regionalismo intenso tem sido a causa principal do seu desenvolvimento cultural, artístico e económico. A sua paisagem é admirável. Planícies agrícolas, banhadas por frequentes cursos de água, zonas maravilhosas de agreste e vigorosa beleza e um litoral, recortado de lindas praias e importantes portos. As aldeias dos pescadores têm as suas tradições e as estâncias balneares, como Bridlington, Whitby e Scarborough são das mais populares da Grã-Bretanha. A 80 quilómetros do interior, ergue-se Harrogate, famosa pelas suas fontes sulfúricas e ferruginosas, que disfruta um benigno clima. Mas é preciso conhecer o seu povo forte e inte-

(Continua na pág. 30)

A magnífica catedral na cidade de York, capital do condado, que ocupa o lugar de uma igreja de madeira que foi construída no século V

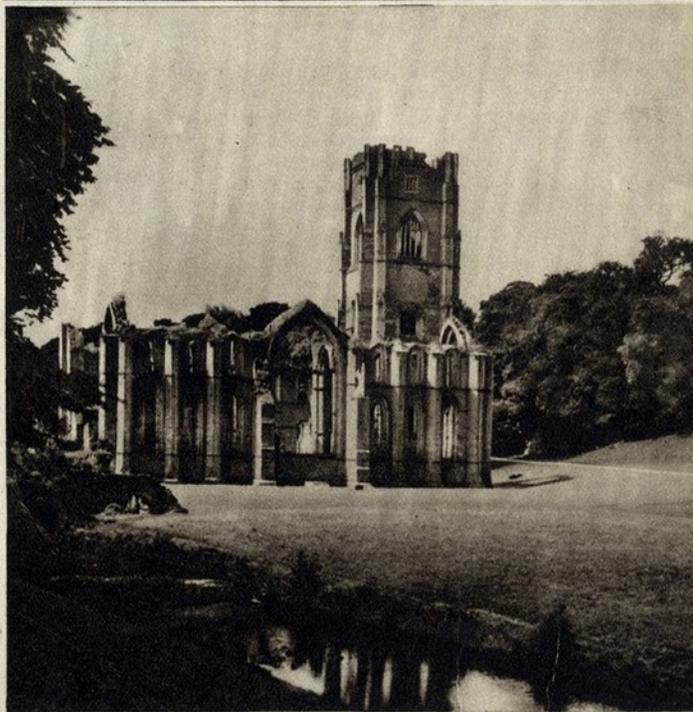


Hull é o terceiro porto da Grã-Bretanha. A ribeira de Humber, que ali vai desaguar, é uma parte da fronteira meridional do condado e constitui um magnífico estuário



YORKSHIRE

o maior condado inglês



A abadia de Fountain, que data do século XII, com a sua bela arquitectura gótica

← Uma paisagem maravilhosa do Yorkshire, com seus velhos murós de pedra separando as propriedades



HELLO, NANCY RIACH!

Aqui tendes a futura campeã olímpica de natação. Chama-se Nancy Riach, e nasceu, na Escócia, a verde dos prados e dos lagos. Em terra, nesta sua admirável atitude e com a sua magistral academia plástica, dir-se-ia uma estátua; na água, cortando, rapidamente, as ondas artificiais de uma piscina, ou alterosas do mar, um verdadeiro e gracioso golfinho. Tem batido todos os records nacionais de Inglaterra. Cobre uma milha (mil oitocentos e cinquenta e dois metros) em 24 minutos e 40 segundos, e 100 jardas (noventa e um metros e meio) em 61 segundos e 6/10. Bateu, vitoriosamente, o seu próprio record britânico, que era de 62 segundos e 6/10. Por um segundo se obtém a vitória e Nancy Riach é bem digna dela

AS CAPITAIS LIBERTADAS



Capitais libertadas pelas forças das Nações Unidas: Paris, Roma, Bruxelas, Bucareste e Sofia. O arco do Triunfo, em Paris, restituído à sua glória, vê passar as forças blindadas anglo-franco americanas



A fisionomia de um alemão feito prisioneiro em Bruxelas



Isto é Antuérpia, depois de conquistada pelos soldados britânicos, num raíid fulminante. Agora, através das suas ruas, passam longas filas de prisioneiros nazis

A LIBERTAÇÃO DA HOLANDA



A passagem do canal Alberto pelas forças inglesas, a que seguiu à invasão da Holanda, numa operação combinada de forças terrestres e aéreas que ilaquiou as forças inimigas

BOMBAS INCENDIÁRIAS

A R. A. F. que há cinco anos vem brilhantemente combatendo e à qual a Inglaterra deve algumas das horas mais belas da sua história, tem aplicado à Alemanha golpes fulminantes. Eis uma bomba incendiária, com paracaídas, de novo tipo, que já foi utilizado nos ataques ao Reich



Três figuras conhecidas da actualidade: Churchill, na Itália, examina com os generais Alexander e Leese, o plano de operações



Uma plataforma de lançamento de bombas foguetes descoberta e conquistada pelos soldados ingleses no Norte da França

PRISIONEIRO ALEMÃES



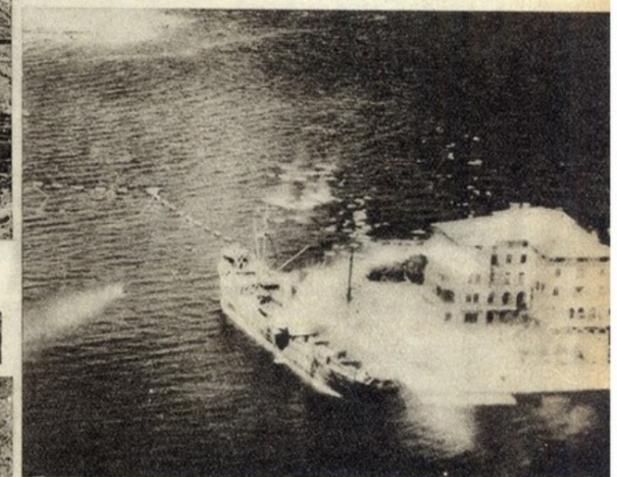
Meis prisioneiros. É assim que eles se entregam aos soldados yankees ao longo das estradas, onde tão rapidamente têm caminhado os exércitos de Eisenhower

Os colaboracionistas franceses, escoltados pelos F. F. I., marcham para os campos de concentração



ENGENHARIA INGLÊSA

A engenharia britânica tem obrado prodígios, na passagem dos cursos de água da França, da Bélgica e da Holanda



Beaufighters operando no Norte do Adriático. As bombas-toguetes incendiaram este navio que fazia serviço ao inimigo



OS DESTROÇOS DOS ALEMÃES

O espólio da retirada dos alemães do ocidente europeu, onde eles passam, o espectáculo é sempre igual



Edoardo Villaret, na sua admirável criação de Eduardo Moulton Barrett



O fotógrafo surpreendeu Lúcia Mariani fazendo o laço a Vergílio Macielira, que interpretou o papel de Bevan, antes de subir o pano



Três discípulos do Conservatório em outros tantos filhos de Barrett



Lúcia Mariani, em *Bella Hedley*, aguarda o momento de entrar em cena



Lucília Simões, na sua magnífica interpretação da cega Maria



Elisabeth Browning NO THEATRO

QUANDO no princípio de 1931 os reclamos luminosos do Empire Theatre de Nova York se iluminaram, anunciando a estreia de «The Barrett of Wimpole Street», ninguém conhecia o autor, o sr. Rudolf Besier. Era, então, com 53 anos, um autor quasi ignorado, até no seu pró-

prio país — a Inglaterra. Em todo o caso, a estreia de Nova York anunciava-se com foros de sensacional, para o que bastavam, aliás, os nomes de Katharine Cornell, Charles Waldorn e Brian Aherne à cabeça do cartaz.

(Continua na página 29)



Igrejas Caetano, que incarnou Robert Browning, com Lalande, no 1.º acto

Maria Lalande, na sua incomparável *Miss Eva*, com Villaret, Maria de Lourdes, em *Henriqueta*, Maria Brandão, em *Araçá*, e Ribetinho, em *Octávio*, numa cena do 2.º acto



Maria de Lourdes, a jovem actriz que revelou extraordinárias qualidades

COMBOIOS INGLÊSES

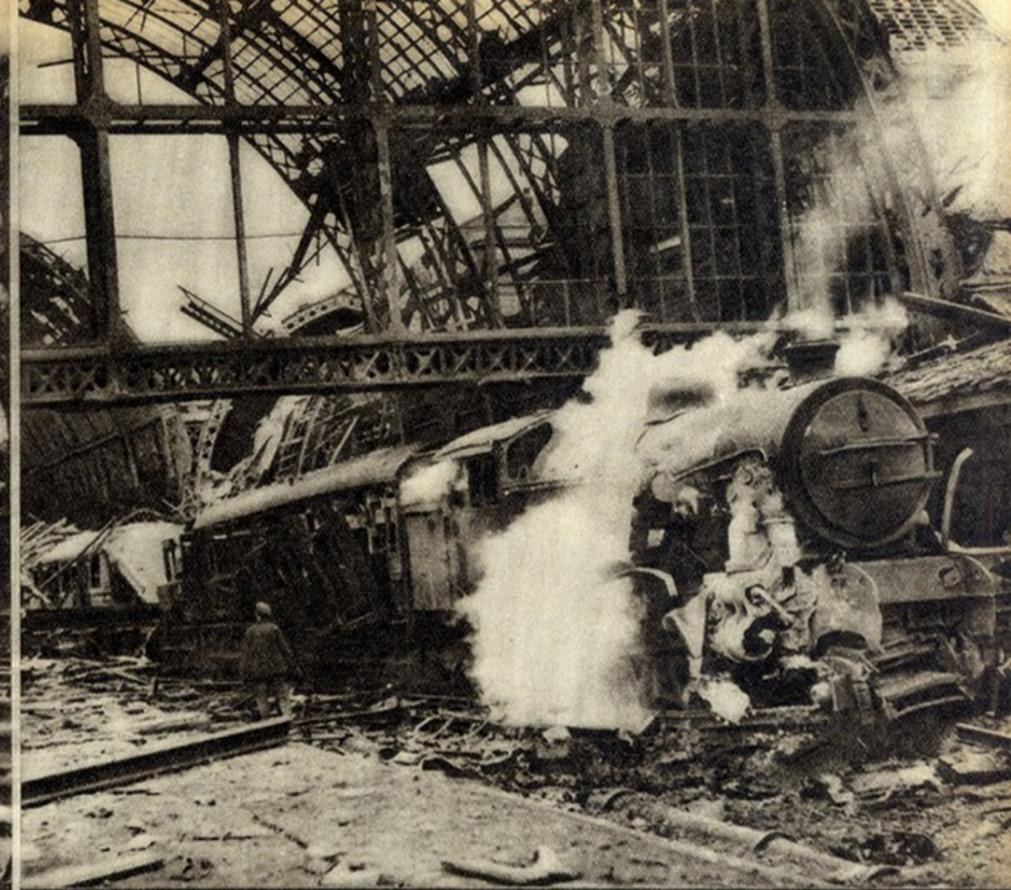
por DAVID THURLOW

É a história de cinco das maiores organizações de transportes do mundo, do seu desenvolvimento em tempo de paz e da maneira como elas serviram a Grã-Bretanha em tempo de guerra. A Inglaterra está dividida em quatro grandes redes ferroviárias que irradiam de Londres para o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste, servindo todas as cidades do País. Estas quatro redes foram criadas em 1923 pela fusão de uma centena de antigas companhias de transportes. Agora, são os caminhos de ferro chamados «London Midland & Scottish», «London and North Eastern», «Great Western» e «Southern».

A quinta grande organização de transportes é a Companhia dos



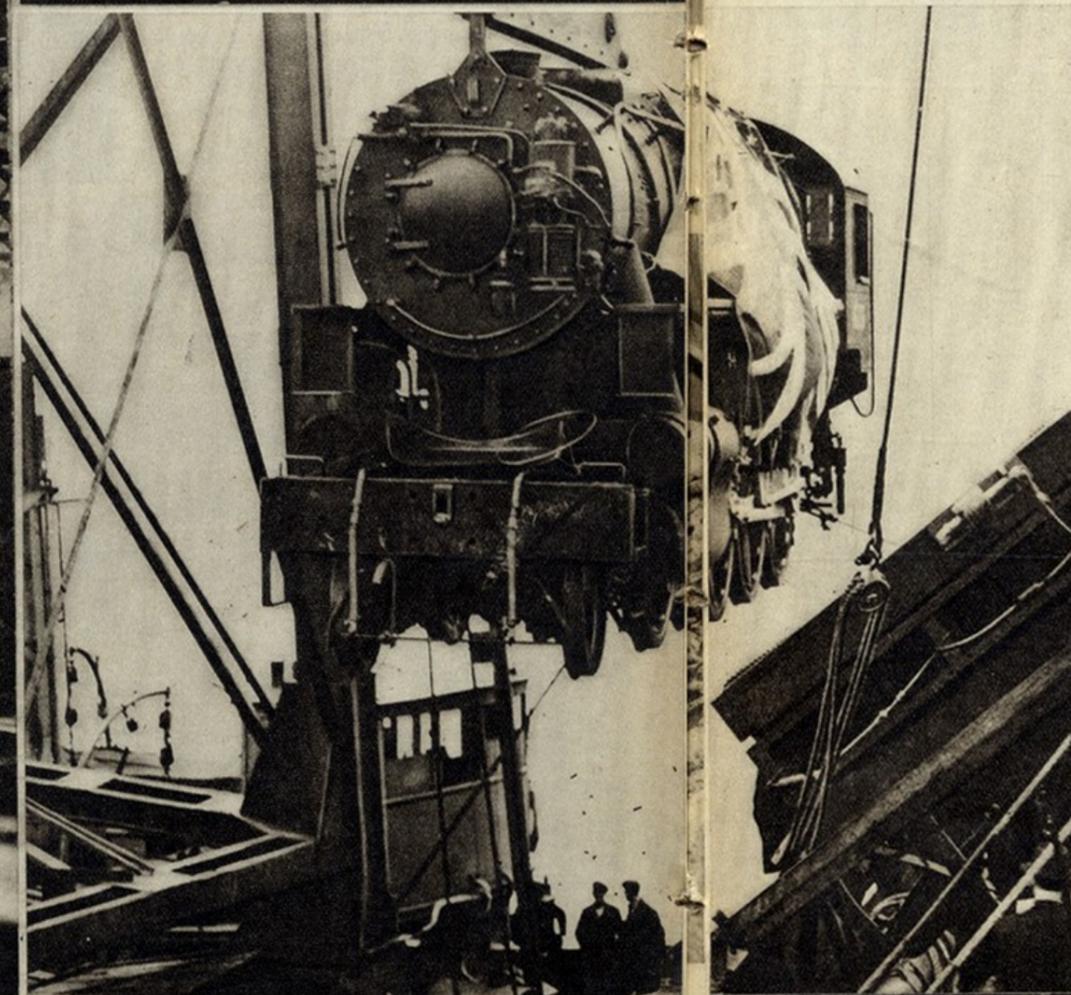
Uma das mais recentes locomotivas britânicas, a "Coronation Scot", e a Escócia, viajando a velocidade vertiginosa, entre Londres



A gare de Middlesborough atingida por uma bomba de avião. Os ataques aéreos nunca conseguiram perturbar os serviços ferroviários



O intenso movimento numa das gares londrinas, à partida de alguns comboios

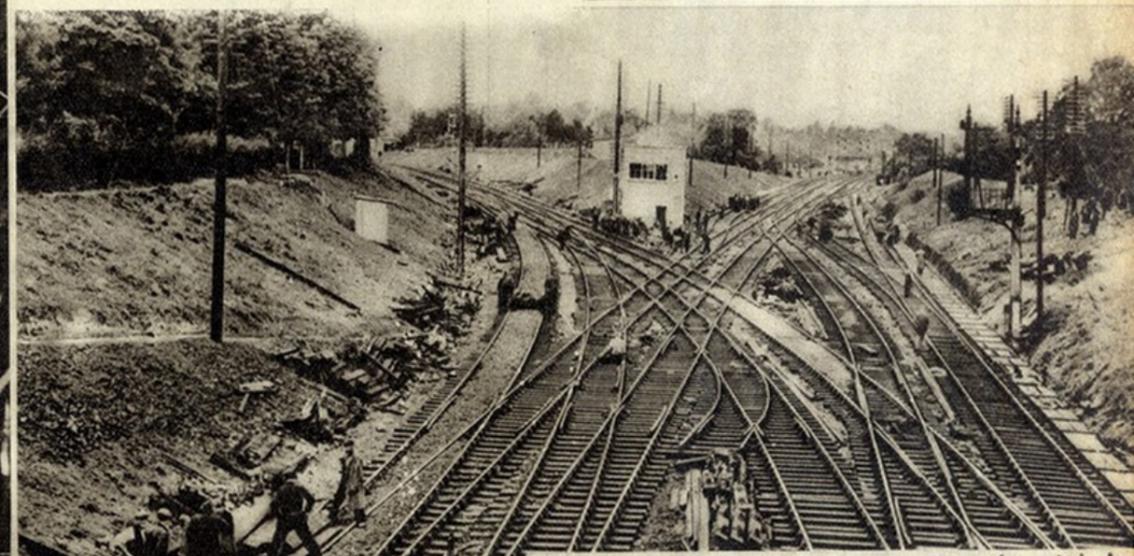


Locomotivas para a guerra. Um potente guindaste coloca a grande máquina a bordo do navio que a transportará para as zonas de combate

Transportes Londrinos, criada em 1933; da mesma maneira que as redes principais, aquela é também resultante da fusão de 162 organizações de transportes. Em 1923, as quatro grandes organizações possuíam um activo equivalente ao capital de um bilião de libras e, nos vinte anos seguintes, as companhias gastaram 450 milhões de libras em novas locomotivas, material circulante, estações, hotéis, depósitos, gares, etc. Grande parte das vias, destinadas ao transporte de passageiros, foi electrificada. O número de vagões-camas duplicou. Foram servidas mais de oito milhões de refeições por ano em centenas de vagões-restaurantes. À base de um tráfego calculado em quasi todo o país à razão de um «penny» por milha, a Grã-Bretanha, em 1938, tinha o transporte de passageiros mais rápido e mais intenso de todo o mundo.



Os maquinistas de um «expresso», no seu posto



Uma complicada bifurcação ferroviária próximo da capital. As vias férreas são constantemente sujeitas a rigorosas inspecções



Pitoresca cena dos transportes rurais em tempo de paz



Uma típica aldeia inglesa onde a acção do filme decorre



Bernard Miles numa cena do filme «Poema de Paz»

CINEMA INGLÊS

POEMA DE PAZ



Jean Gillie, no papel de uma voluntária do exército agrário feminino

A revolução produzida nos hábitos pacatos de uma tranqüila aldeia inglesa, pela aparição de um casal de aves muito raras na região, é o tema de uma deliciosa e admirável comédia agora saída dos estúdios britânicos. O SR. E A SR.^a CALHANDRA, são os gentis visitantes da aldeia, com o cenário maravilhoso da paisagem da Inglaterra rural.

A história de amor que se desenrola neste ambiente entre os descobridores do casal de calhandras, um aviador convalescente e a sua formosa enfermeira, tem o seu feliz epílogo com o nascimento das calhandras, tornado possível pelos cuidados desvelados de que a aldeia inteira rodeou as simpáticas avezinhas.

O filme, realizado e interpretado pelo conhecido actor Bernard Miles que, ainda recentemente, tivemos ocasião de admirar a sua esplêndida criação em «Sangue, Suor e Lágrimas» é um tocante hino de paz e de amor que, certamente, merecerá da parte do público português o mesmo interesse e carinho com que foi acolhido em Inglaterra.



A batalha de Varsóvia tem assumido gigantescas e dramáticas proporções, que atingem a verdadeira epopeia. Um punhado de patriotas polacos ocupou o coração da cidade e, ali resistem, rechaçando as forças nazis, que têm empregado tanks, aviões, morteiros, etc. Agora os polacos defendem-se nas próprias ruínas, tendo já estabelecido ligação com as forças soviéticas, que tomaram o bairro de Praga e atravessaram o Vistula. Na fotografia vê-se uma rua defendida encarnadamente pelos polacos

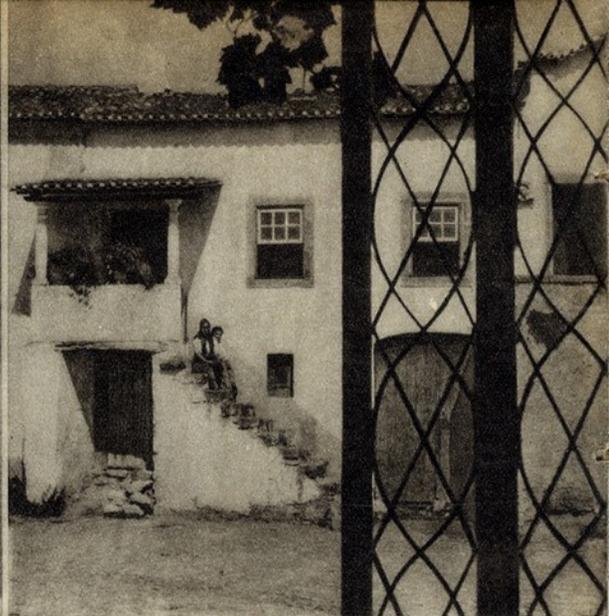
AS GRANDES BATALHAS



A R. A. F. em acção. Esta «gerbe» de fogo e fumo é um depósito de munições, algures na Europa, que foi destruído pelas bombardeiros inglesas, com uma impecável precisão. No meio da noite, o voraz incêndio lembra a cratera dum vulcão em actividade



Esta morena de maravilha é a flor da aldeia



Uma típica aldeia de pastores, numa das mais altas serras de Portugal

ALDEIAS DE PORTUGAL

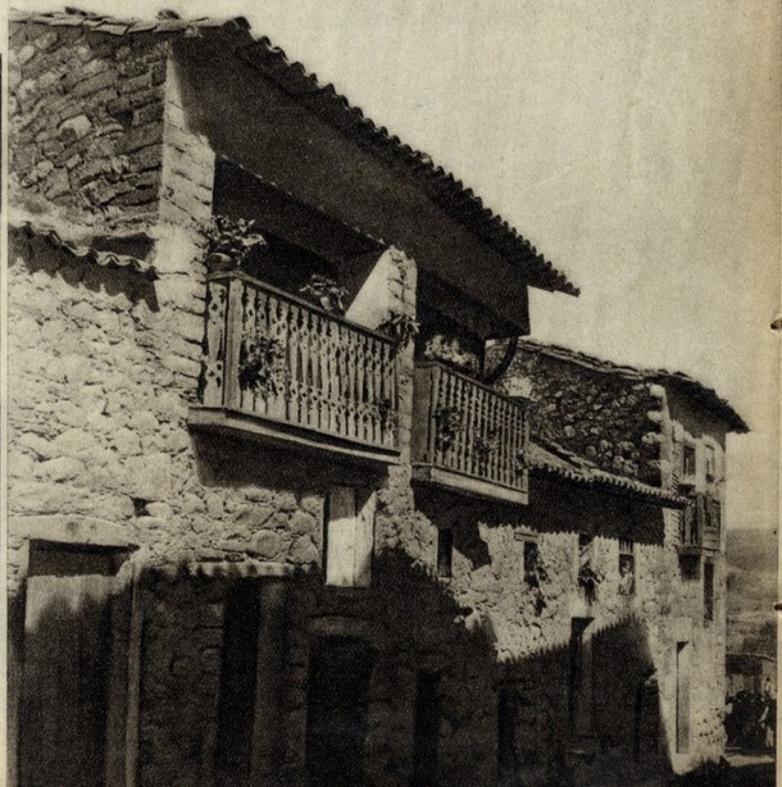
A casa é como o homem. Tem uma fisionomia, um ambiente, uma alma. As nossas aldeias não são, apenas, expressões de arquitectura, mas motivos sentimentais, notas líricas, pinceladas de aguarela, troncos de presépio, ou ninhos de aguiá, alcandorados nas montanhas. Cada uma constitui um quadro idílico. A

(Continua na página 29)



Uma casa rústica de Azinhaga, com seu lindo alpendre rubro de sardínheiras

Paúl, a de casas de granito e janelas de balaústres rendilhados →





O GENERAL DE GAULLE

alma da resistência da
França, que durante a
ocupação do seu país
simbolizou as mais altas
virtudes do seu povo e
do seu Exército

PORMENORES DE HOJE

— **ALGUNS** vestidos de seda mostram as costas franzidas. Desejo de originalidade que não deve ir avante, pois só uma pessoa extremamente magra tal poderá suportar.

— O *jersey*, tendo desenhos escocêses, salva-se da monotonia em que caiu, pois até aqui era uniformemente liso.

— Os tons que se verão no outono serão: castanho, amarelo, verde, azul-claro, gris-pérola, platinina, avermelhado, morango esmagado e sempre os tons da estação, da folha morta ao tijolo.

— Alguns feitiços lisos apresentam a frente solta, em estampado. Dá demasiado ar de avental.

— Ver-se-há muito o vestido de *lingerie* preto, feito em seda natural, com abertos e bordados miudinhos, guarnecendo o corpo. Sala lisa, em clássico feltro camisoleiro. Como são pretos, servem para tôdas as horas, mesmo quando já não há sol.

A MULHER DE BRONZE

Era uma vez uma rapariga loira, de pele muito fina, pálida e delicada.

Parecia uma gardênia.

Mas disseram-lhe que era moda aplicar cor de chocolate, de modo que se pôs a torrar ao sol.

E que aconteceu?



Ambiente requintado para uma «toilette» requintada, tal como a apresenta o «Harper's Bazaar», de Londres

PÁGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM



LICÔRES

DE ANIZ

Para se obter 5 litros d'êste licor são precisos 2.500 grs. de açúcar que se derrete em 1 litro e 3/4 de água. Juntar:

Essência de aniz	2 grs.
» » badiana	1 »
» » canela	1 gota
» » neroli	1 »

Filtra-se passado um mês.

CREME DE ABSINTO

Essência de absinto	2 grs.
» » aniz	6 »
» » hortelã-pimenta	1,8 »
» » funcho	1,5 »
» » limão, destilada	6 »
Alcool a 50.º	7 »
Açúcar	11 quilos
Água	5 »

Dissolve-se o açúcar na água e as essências no alcool; deita-se o líquido alcoolizado no líquido açucarado e agita-se, devendo tingir de verde.

Aconteceu que ficou vermelha como uma lagôsta cozida e com a pele cheia de sardas, nódoas escuras, manchas vermelhas e esfoladelas.

De garnêdia passou a tomate, sem conseguir o desiderato: bronzear-se.

Ora é preciso ver que não fica de bronze quem quer: se Deus fêz uma pessoa *pálida e toira*, é porque deseja que ela se mantenha dentro d'êsse programa. Portanto nem por todo o sol d'êste mundo fica da cor do batente da porta ou do busto que está no átrio.

Logo, nada de expôr a delicada pele à moda. Aplicar apenas alillarim ou o *fond-de-teint* mas escuros e, por cima, um pó-de-arroz ocre, isto é, moreninho também.

Et voilà.

VERDADES

Hesita-se em face do amor, mas quem nunca se apaixonou, nunca viveu.

Há quem diga que o homem é mais inteligênte do que a mulher.

Será possível, mas, decerto, tem menos sensibilidade — é o bocadinho que tem a mais, de egoísmo, que lhe tira lugar para o resto.



Um vestido — sala e túnica — maravilhoso de simplicidade

Críticos adivinhos

EM vários povos de elevada cultura, a crítica é uma ciência a que muitos espíritos superiores se dedicam. Constitui, como a Estética e a Ética, maneira de julgar e interpretar idéias e sentimentos.

Contudo, em qualquer país onde a crítica se exerce, a não ser entre nós, nunca os seus cultores se atribuem, pomposamente, a designação de críticos ou de estetas. Entre os portugueses, porém, o caso muda de figura. Os incipientes críticos que chegam à cidade já trazem consigo uns fâtuos âres de catedráticos de aldeia, não obstante alguma não irem além das primeiras verdades da adolescência e não terem ainda esquecido o bíblico convívio com simpáticos animais domésticos.

Tais joizes falam de si, como se as suas ignoradas pessoas estivessem em causa. E quando se ocupam de trabalhos alheios cuidam mais do indivíduo do que da obra a julgar.

Há dias lêmos numa revista literária, aliás, de simpáticas tradições, esta referência teatral: «É possível, embora difícil, que o autor venha a fazer obra de jite».

Mas, porquê?

Que razões subjectivas teria o crítico para fazer semelhante previsão?

Então a crítica tem missão imediata e directa sobre a obra a julgar ou inspirar-se em sombras proféticas?

Querem vossos criticadores, por deficiência de espírito de análise, invadir os domínios da quiromancia, fazendo previsões sobre o futuro dos outros?

Assim parece ser. Mas, admitindo que assim seja, (não é, no entanto, o caso em julgado) a sentença tem seu quê de dialé.

Quando Brieux fez representar a sua primeira e medíocre peça «Ménages d'artistes», os críticos de então não se lembraram de escrever vaticínios sobre o futuro do dramaturgo francês. E ainda bem que o não fizeram. Se assim procedessem teriam perpetrado grossa parvidade.

Pois Brieux foi, mais tarde, um dos maiores escritores dramáticos, não obstante a sua primeira peça não ter dado aos críticos de então a tóla audácia de o julgarem através de futuras obras — que ele viria a escrever para honra da dramaturgia francesa.

E andam por si uns plutarcos a moer a casneada área de que não há crítica em Portugal!

E como poderá haver se recentes e oportunistas mentores dão da missão nobre da crítica tão desoladores exemplos?

Velhos ditos

LEMOS de Nápoles foi dos mais brilhantes temperamentos de jornalista e de homem de letras. Isto está dito e redito e, também, confirmado pela sua obra.

Só um ou outro espontâneo literatejante, por ignorar o seu talento, o julgava, pelo fato nem sempre irrepreensivelmente elegante, um qualquer...

Um dia — já lá vão umas dezenas de anos — um rapzelho palavroso e cretinóide apareceu na Redacção de um anti-só e já extinto jornal a queixar-se da revisão. E sugeriu nada mais nada menos que se metesse a «bêsta do revisor».

A «bêsta do revisor» era o Nápoles; o pretendente a «assassino» era o franchinote.

Comunicaram o caso ao Nápoles. Este, com o seu inconfundível ar de plácido filósofo, riu muito.

Alguém ao lado inquiriu:

— Enão, não dizes nada ao fedelho?

— Eu?... Para quê? Bem basta a desgraça dele, coitado: — é parvinho de nascença.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Asas...

PUBLICOU há pouco «O Século» um curioso artigo subscrito por R. J., inicias que encobrem o nome de um jovem e valioso jornalista.

O referido artigo, cujo tema era de flagrante actualidade, expunha um facto de absorvente interesse público.

Mas, quanto a nós, que não somos especializados no tema científico versado, essa página de jornalismo teve particular poder evocativo.

João Gouveia, a figura em causa, não é «apenas» um inventor; é um poeta. Foi como tal que o conhecemos e aqui há um bom par de anos.

Estreou-se, naquela época, com um livro de versos, «Atlante» se chamava, e não obstante a acção adormecedora do tempo, ainda brinçam na nossa memória, alguns dos seus lindos versos.

Por isso, não nos surpreenderam as descobertas de João Gouveia: Se os poetas vivem a pôr asas na fantasia, não é de admirar que o seu grande sonho seja o de construir asas...

Arrependimentos...

É muitas vezes a ciência alheia que maiores ensinamentos nos proporciona.

Ouvimos há pouco este diálogo:

— Não podia mais...

— Dizia um dos interlocutores. — Lancei-lhe tudo em rosto.

Observou-lhe o outro:

— E não virás a arrepender-te?

— Nunca!

— Pois eu só não me arrependo do que não digo — conclusão o contraditor.

O que falta dizer

HÁ sempre nos livros que se lêem muito das virtudes e dos erros dos indivíduos que, no prazer da leitura, se debruçam sobre as páginas das obras escolhidas e sobre elas pensam e meditam e sentem.

Contudo, algumas virtudes e muitos defeitos humanos não existem apenas nos romances. Tão pouco os escritores têm o exclusivo de imaginar realidades para contrariades do leitor. Semelhante missão compete à vida. Aqueles são, ou devem ser, tão somente seus intérpretes.

Tudo quanto se lê, por inconcebível que pareça, não é da responsabilidade de quem escreve, nem pode ser atribuído à força imaginativa que todo o ser possuiu num grau mais ou menos desenvolvido.

Os espiritos fantasmas são de uma contrariadora pobreza idealista quando pretendem desvendar mistérios ou architectar mundos perfeitos ou disformes.

O homem deve ser um péssimo intérprete dos sentimentos próprios e não menos dos alheios. É e nada sabe, nada compreende, nada analisa nem desvenda. A compreensão de que se julga possuído, as idéias que pretende explicar, os sentimentos que o assolam, não são mais do que reflexos da angústia que há milhões de anos, o martirizam.

Mas os homens de génio? Em que são estes diferentes dos outros homens quando uns e outros sofrem dileceradamente a incompreensão dramática da vida?

Um pouco de artifício completa em tantos casos a impressionabilidade da sensação sentida, mas não traduz fielmente o mal que há dilatado séculos o homem vem arrastando consigo. E os homens de talento, como os seres ignorados, sem nome, são iguais na sua mesquinha incompreensão.

Quando uma grande angústia lacera o coração do homem este não pensa em revelá-la através do encanto de uma expressão artística: bestializa-se.

É como as aves canoras: quando estão doentes deixam de cantar — emudecem de dor.

“O Caminho da Felicidade”

A literatura escandinava teve há alguns anos, benéfica influência em vários dos nossos escritores. Depois, parece ter caído um tanto em desuso. Que estas coisas literárias têm também as suas modas como os vestidos e os penteados das senhoras.

Se nessa época os rapazes liam e citavam Ibsen, Strindberg, Bjoernson, hoje existem outros nomes que acordam mais à memória dos plúmbeos que despertam. Talvez as obras destes últimos não sejam de tão elevada concepção artística, nem de tão profundo pensamento. Mas, está mais na moda...

Vêm estes curtos considerando a respeito de um livro que Manuel Rodrigues, proprietário da Editorial Minerva, acaba de lançar no mercado. Chama-se o romance, «O Caminho da Felicidade», e é seu autor Bjoernstjerne Bjoernson, um laureado do Prémio Nobel.

Sem intuíto reactivos, que são descabidos nesta página, nada nos custe recomendar a obra do notável poeta e romancista.

Quem sabe se a mocidade leitora, sempre ávida por novidades literárias, alguma coisa de moderno e belo encontrará no «Caminho da Felicidade», do grande escritor escandinavo.



Poesia dos parques

A janela do casebre

de LUCIANO MONTES

AO sair da cadeia, onde estivera prêo durante cinco anos, Justino amarrou-se apenas a esta idéia: procurar sua mulher e o seu melhor amigo, Leandro e, enquanto o Diabo esfrega um olho, enviá-los a ambos desta para melhor. Naturalmente, depois disso, teia de voltar à prisão tal e qual nunca mais a deixar. Mas, que lhe importava tudo isso? Conhecia-se como um homem escabdo, um homem condenado a morrer, pois durante os cinco anos de prisão havia contrido uma doença pulmonar de que jamais se curaria.

Um amigo, um desses amigos que nunca faltam com a «grande novidade», tinha-lhe dito que a sua mulher se havia aliado com Leandro, e que segundo corria em tôda a de a gostavam muito um do outro. E havia até quem afirmasse (algum c nico por certo...) que aqui lo representava, no fim de contas, uma espécie de compensação para a infeliz companheira de Justino, pois que este só lhe havia d. do desgostos.

Justino não era desta opinião. Afirmava, sempre que o assunto vinha à bôca, que o destino se encarnava frequentemente com certos homens até os vençer e esmagar, e que ele não era mais, afinal, que uma vítima da fatalidade.

Se sua mulher havia sofrido a seu lado também era certo ter conhecido a faldade. Devia esperar, pois, a sua saída da prisão e não se unir a nenhum homem, muito menos a Leandro, pois que ela não ignorava que se tratava dum amigo da infância do seu esposo.

Justino chegou ao anoitecer à povoação. Entrou na locanda. O tasqueiro, fitando não o reconhecer, perguntou-lhe o que queria sonar.

— Quero um peru nas brasas! — gritou-lhe o recemiado, olhando-o com raiva.

— Ah! Mas desculpe, sr. Justino... Eu...

— Bênto! Deste quando é que os daqui me tratam por senhor?

— Parece-me que eu, pela minha parte, sempre assim o tratei...

— Mentas com quantos dentes tens na bôca! Sempre me tratas e por Justino, não nte. Ou é que, por voltar da cadeia, p'endes dar-mesenhôia?

— Não... Mes...

— Deixa-te de gaguejar e de meias palavras... Deita-me um copo de aguardente!

O taberneiro serviu-o sem demora. Conhecia bem o fênto de Justino. Sabia perfeitamente que não devia causar-lhe desgostos, porque, então, teria tudo a perder.

O ex-prisioneiro recostou-se no bôcão e começou a beber lentamente a aguardente. Depois, circunvgou um olhar pelo estabelecimento, e comentou:

— Pelo que se vê, isto, aqui, está t-l e qual como quando cá estive da última vez: as mesmas g'rrôias, as mesmas teias de aranha e as mesmas moscas... A única coisa que mudou bast'nte fôste tu! Até te cresciam as orelhas...

O tasqueiro limitou-se a rir, como se tivesse escutado alguma boa piada; mas tinha o rosto pálido e as mãos tremiam-lhe. Viria aquela selvagem disposto a mandá-lo para o outro mundo? Tornou-se arável.

— Dá-me outro copo! — ordenou Justino.

— Com que não minha mulher juntou se a outro não é verdade?

— Que eu saiba, sr... digo Justino, parece-me que sua mulher está à sua espera...

— Ah! Ah! Ah! Então, meu tasqueiro sem honra, deste agora em far-

(Conclui na pág. 30)



EMBORA SEJAM AS MEIAS DE MAIS ELEVADO PREÇO SÃO PROVADAMENTE AS DE MAIOR CATEGORIA E MELHOR QUALIDADE

MOREY

"THE BEST AND FOR EVER"

DEPÓSITO: RUA IVENS, 44-3.º — LISBOA

Seja prático e económico

viaje na C. P.

Informações — em tôdas as estações da C. P. — em Lisboa — no Serv. do Tráfego — 2 4031 — no Pôrto: — na Estação do S. Bento — Telef. 1 792

Que bela é uma manhã na praia!

Que prazer gozar as suas delicias!

Porém, antes de expor-se ao sol e ao ar deve proteger a sua pele com **CREME-NIVEA** ou **OLEO NIVEA** e assim diminuirá o perigo das dolorosas queimaduras do sol. Nunca se exponha ao sol com o corpo molhado. Nivea penetra profundamente na pele sem obstruir os poros, dando um aspecto belo e juvenil que só a formosura de uma pele sã pode proporcionar.



Pestana, Branco & Fernandes, Ltda. 39, Rua Sapateiros, Lisboa



REFEIÇÃO À MEIA-NOITE DORES ATÉ DE MADRUGADA

O excesso de trabalho fez-lhe esquecer a hora do jantar; à meia-noite entrou em qualquer parte para "comer alguma coisa". Cheio de apetite, comeu à pressa e demais, impondo ao estômago trabalho superior às suas forças. O resultado será um excesso de acidez do suco gástrico que, por sua vez, dará ocasião a mau gosto na boca, enfartamento e a sensação de dilatação que acompanham a insónia. Se as circunstâncias o obrigam a tomar refeições fora das horas regulares, traga Magnésia Bisurada sempre consigo. Uma colher de Magnésia Bisurada neutraliza o excesso de acidez e alivia os ardores, eructações, bem como muitas outras perturbações da digestão que, desprezados podem conduzir à gastrite e mesmo à ulceração.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com
**MAGNÉSIA
BISURADA**

À venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos a 15\$00 e 23\$00.

A invasão da Alemanha (Continuação da pág. 8)

produziu-se um levantamento geral contra as forças de ocupação e a favor do regime existente à data da assinatura do pacto de Munich. Pouco a pouco, a Europa volta a ter a sua fisionomia normal que um período prolongado de perturbação havia alterado profundamente. Este regresso ao "statu quo", que é também um regresso ao bom senso, não deixará de produzir rapidamente, conseqüências de vulto naquela região da Europa.

Aldeias de Portugal (Continuação da pág. 24)

fonte, de água prateada; o campanário, onde soam as horas tristes e alegres da vida rural; a praça, onde, por vezes, a "cidade", passa, ofegante, vertiginosa, rolando num automóvel, devorador de quilómetros; o cavaco doce e tranqüilo do entardecer, espécie de

crônica da aldeia onde se dizem novidades e se fala do que a terra deu, ou promete; a farmácia, para os senhores grados, onde se joga o vallete e se fazem longas e laboriosas paciências... E há os dias de festa, a procissão, a romaria, o mercado, as vindimas, Portugal pequenino, colorido de beleza, onde há sempre, nuns lábios vermelhos e apaixonados, uma canção de amor ou de saúde! É assim a nossa terra!

As crianças e os brinquedos (Continuação da pág. 13)

canto e graça, nada ficará a dever ao tão almejado Paraíso mesmo com traquinices e tudo.

Pois, se o leitor se der ao entretenimento de observar a garotada entregue aos seus jogos predilectos, quem sabe se reviverá um pouco do seu passado — a não ser, o que não acreditamos, que nunca tivesse sido rapazinho travesso da rua.

O «eixc», o «piãc», são já recordações distantes. Mas, não se dá o mesmo caso com o jogo da aviação, que é de uma flagrantíssima actualidade, e que os nossos avós nunca jogaram por não haver aviões naqueles tempos.

O jogo do «arcc» também tem adeptos, tanto assim que muitos adultos ainda fazem coisas do arco... da Velha.

As ruas de Lisboa têm nos pequenos habitantes os seus melhores «animadores», como agora se diz com muita propriedade...

Deixem, pois, que o entusiasmo dos garotos se manifeste nos seus ingénuos jogos da rua.

YORKSHIRE (Continuação da pág. 14)

ligente, que tanto trabalha nas minas de carvão do sul, como na indústria de aço de Sheffield, ou agriculta a fértil terra do rebordo oriental de Iork, que se pode considerar um dos celeiros mais pródigos do país.

Sheffield tem uma história que data de há 700 anos. É célebre a sua Universidade, onde existem laboratórios especiais de mineralogia e metalurgia. O aço de Sheffield é famoso em todo o mundo, sendo muito apreciado em Portugal. Foi no século XVIII, que um dos seus habitantes descobriu um processo de têmpera do aço, que deu àquela cidade um grande renome.

York é, porém, a cidade mais pitoresca do condado. As suas curiosas ruas estreitas, as suas antigas pousadas, os seus velhos edifícios, e, sobretudo, a sua catedral, uma das mais antigas da Inglaterra, tornam York um pádio admirável da arquitectura — e um inigualável roteiro histórico.

Elizabeth Browning

(Continuação da pág. 19)

Foi no dia 9 de Fevereiro desse ano. Quando o pano caiu sobre o 3.º acto, o êxito excedera toda a expectativa e o nome de Rudolf Besier juntou-se aos dos mais célebres dramaturgos de todo o mundo.

Só em 3 de Outubro — nove meses depois — a peça saiu do cartaz, e não tardou que Hollywood a aproveitasse para um filme que viria a conquistar êxito idêntico. Charles Laughton fez, com o seu enorme talento, o pai Barrett, ao lado dos melhores astros do cinema americano.

Depois, a peça deu um salto sobre o Atlântico e, no ano seguinte, o grande actor e encenador Lugué-Picé representava no Theatre des Ambassadeurs, de Paris, ao lado de Lucienne Bogaert.

Coube agora — quando Besier completou 66 anos — a vez a Lisboa, graças aos «Comedantes de Lisboa», em tradução de António Lopes Ribeiro, com o título de «Miss Ba» de ver a célebre peça.

Pelos nomes dos personagens o espectador conclue, imediata-

ACIDEZ GÁSTRICA?

Sufer anos seguidos deste tormento, ou libertar-se rapidamente da terrível indigestão, depende exclusivamente de si.

Pode ferrotar a sua próxima indigestão ácida, muito facilmente, com duas gemelas. Rennie não precisa de água para ser tomada. Chupa-se como se fossem caramelo de duas pastilhas ao mesmo tempo. São ambrulhadas imediatamente, para não poderem levar ao estômago o colete ou na malha de mão, a fim de não serem usadas onde quer que se encontre.

Um par destas agradáveis pastilhas neutraliza o excesso de acidez do estômago, acaba com a azia, acalma o estômago e deixa de tornar inoportuno o jejum.

As gemelas entram imediatamente em acção, pois chegam ao estômago com toda a sua força, sem diluição na água. Rennie vende-se em todas as farmácias.



Quereis ganhar dinheiro?
ANUNCIAI NO
Mundo Gráfico

Bronzisol

ANTI-SOLAR

PERMITE QUE O SOL BRONZEIE A PELE DEFENDENDO-A DOS RAIOS SOLARES PERNICIOSOS QUE PROVOCAM AS QUEIMADURAS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866 • AV. DA LIBERDADE, 35 • LISBOA
RUA DA ASSEMBLEIA, 115 • RIO DE JANEIRO



Passaportes Vistos e Passagens



TRATE NA

Casa ATLANTICA DE VIAGENS

AGENTE OFICIAL:

Leonel Gomes Coelho
RUA CAPÊLO, 8

TELEFONE 29471

A janela do casebre

(Continuação da pág. 28).

sante? Não sabes, fujardo, que minha mulher vive já há anos com outro?

— Juro-lhe pela luz destes que a terra há-de comer, que não sei nada...

— Está bem! Paga-te e dá-me a demasia.

O tasqueiro, com assombro pintado no rosto, viu-o sair poria fora.

Justino dirigiu-se para o fundo da povoação.

Empurrou a cancela e entrou no quinteiro. Um cão correu para ele a ladrar. Reconhecendo-o, fez-lhe demonstrações de simpatia.

— Sim, tu és o único amigo fiel — exclamou o homem com um sorriso amargo nos lábios.

Havia luz no casebre. Sem dúvida, os seus moradores estavam a ceiar, porque se ouvia o ruído dos garfos a bater nos pratos. Justino aproximou-se da única janela do casebre, que se via iluminada, e olhou para dentro, com avida. Viu sua mulher, viu Leandro e viu também seu filho Aniceto, que estava já muito crescido, e ainda um outro pequeno, com dois ou três anos. A cena era um tanto comovedora... O homem, nesse momento, cortava justamente o pão e deu a cada um um bocadinho. Depois, serviu o vinho nos copos charros. Passou um instante. A seguir, Leandro, dirigindo-se ao mais velho, disse-lhe:

Silva, Ribeirinho, Igrejas Caeiro, Maria de Lourdes, Maria Brândão, Lúcia Mariani, Paiva Raposo, Virgília Macieira, Baltazar de Azevedo e os quatro discípulos do Conservatório António Sarmento, José Paulo, Júlio Machado e Carlos Duarte.

A terminar estas breves notas acerca de um dos maiores acontecimentos teatrais que temos registado, queremos relembrar a louvável dignidade profissional — a que já não se estava muito habituado — se ver actores como Assis Pacheco, António Silva e Ribeirinho em pequeninos papéis que actores de segunda ou terceira categoria recusariam com uma carêta de "brio" ofendido. Bem hajam pela lição.

— Então, que é isso, Aniceto? Outra vez a meteres a faca na boca? Não conhecerás o garfo? Olha que já vais nos doze anos e estás um homenzinho...

O rapazinho pousou a faca e pegou no garfo.

— E queço-me sempre, pai... Não se zangue...

— Não me zango, não, meu filho. Mas, francamente, não gosto nada que te portes à mesa como um cabreiro... Pode-se ser pobre — sabes? — assim como nós somos e ser muito educado...

— Prometo-lhe, pai, que não voltarei a fazer isso...

— Bom. Gosto disso, Aniceto. Tens que ser um homem!

A mãe do rapaz dirigiu a Leandro um olhar inesperado de gratidão. Verificava-se perfeitamente que amava aquele homem e que o respeitava ao mesmo tempo. Sorriu-lhe com um doce sorriso de mulher feliz e levantou o copo de vinho para beber como se brindasse.

Justino, perante tudo isso, experimentou uma rara sensação, de que sempre havia feito alarde, amafanhou-se e encolheu-se, impressionado. A ideia de matar havia desaparecido do seu cérebro. E, então, foi ele que se considerou o intruso. Para que tinha voltado? Para que tinha vindo ali? Pertubar e manchar de sangue aquele lar onde todos se entendiam e viviam contentes?

— Que ias tu fazer Justino? — interrogou-se a si próprio. — O único que aqui está a mais és tu! É melhor que te vás embora e deixes que todos vivam em paz. Talvez não tenhas nascido para isto... O Leandro e tua mulher, esses, sim, nasceram para isto... Vamos, vai-te embora! Parte para todo o sempre, que essa será a única boa acção de toda a tua vida!

Justino afastou-se da janela. Voltou ao caminho. E, ao passar diante da taberna, refreou uma forte tentação, dizendo de si para consigo:

— Não! Mais aguardante, para quê? Estas coisas não se curam com aguardante...

E, pelo caminho estreito foi-se afastando da aldeia — para sempre.



Quando se sentem orgulhosas as crianças que têm um mãe nova e bonita! Ter apreço pela mãe é começar a vida com esperança e fé. Conserve-lhes uma mãe nova e ofereça ao mundo o espectáculo duma mulher alegre e sadia, que pareça a companheira dos seus filhos. As crianças, com a sua profunda sensibilidade e o seu instinto infalível, têm horror aos cabelos brancos. Não entristeça os seus filhos mostrando-se prematuramente velha. Faça desaparecer rapidamente os seus cabelos brancos com uma aplicação de **IMÉDIA-OREAL**, antes que alguém os tenha descoberto. Uma segunda juventude a espera numa idade em que instruída pela experiência disfrutará melhor as alegrias da vida e gulará melhor os seus filhos para a felicidade.

IMÉDIA-OREAL recolora os cabelos brancos por meio dum pigmento que penetra na fibra capilar, imitando a natureza com a maior fidelidade.

Pode conseguir com **IMÉDIA-OREAL** as cores naturais até as mais subtis: o louro cinza e o castanho claro. **IMÉDIA-OREAL** conserva ao cabelo a finura, a maciez e a elasticidade. Um cabelo tratado com **IMÉDIA-OREAL** suporta depois melhor, a ondulação permanente. Não hesite; por si e pelos que ama volte à juventude já que **IMÉDIA-OREAL** lho permite.

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO
MUNDO GRAFICO

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drogerias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A VOLTA AO MUNDO

Desde Tunis a Kisca... de Tarawa a Cassino... os rapazes americanos, equipados com solas Panco, vão marchando para a vitória. É uma guerra dura, uma guerra de movimento que requiere solas à altura da sua árdua missão. Trilho de montanha ou carreiro de seiva, Panco leva-os de vencida, como o bom soldado que é. Com e paz, Panco regressará ao serviço dos civis. Melhor do que nunca, graças à experiência adquirida, com as necessidades da guerra, pela maior fábrica do mundo no seu género. Valerá a pena ter esperado pelas

SOLAS PANCO



B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA e...

o Mundo Acredita

A partir do dia 26 de Agosto, as transmissões da B. B. C. terão lugar conforme o horário que segue: —

08.45-09.00: — Noticiário — 49.92 m. (6.01 mc/s.),
41.96 m. (7.15 mc/s.), 31.61 m. (9.49 mc/s.),
31.41 m. (9.55 mc/s.), 25.42 m. (11.80 mc/s.),
19.91 m. (15.07 mc/s.).

13.15-13.45: — Noticiário e Actualidades — 49.92 m.,
41.96 m., 31.61 m., 31.41 m., 25.42 m.,
19.91 m., 16.79 m., (17.87 mc/s.).

18.30-18.45: — Noticiário — 41.96 m., 31.61 m., 31.41 m.,
19.91 m.

18.45-19.00: — Voz da América — 41.96 m., 31.61 m.,
31.41 m., 19.91 m.

21.15-21.45: — Noticiário e Actualidades — 41.96 m., 31.61 m.,
31.41 m., 19.91 m.

HOME AND FORCES PROGRAMME — Publicam-se, semanalmente, no RÁDIO NACIONAL e no ANGLO-PORTUGUESE NEWS, programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

MUNDO GRÁFICO



O embarque
das forças
paraquedistas
das Nações Unidas
que num golpe
de audácia
conquistaram
os pontos vitais
da Holanda